
EDITORIAL

A licenciatura em Ciências da Educação foi criada na Universidade do Porto há 19 anos. Ao longo deste período formaram-se algumas centenas de licenciados, um número significativo concluiu mestrados em Ciências da Educação e outros, doutoramentos. As suas áreas de investigação e de intervenção incidem apenas sobre o sistema escolar, mas alarga-se ao campo da saúde, ao campo jurídico, ao serviço social, ao campo da educação de adultos e da formação profissional, para só referirmos alguns. Estes licenciados possuíam também experiências profissionais e sociais diversificadas e um número significativo já tinha uma formação inicial antes de ingressar na licenciatura.

A heterogeneidade dos públicos que a procuravam, a sua forte vinculação aos sistemas não escolares de formação e o próprio projecto pedagógico e epistemológico da equipa de docentes que assegurou a sua gestão e configuração curricular, contribuíram decisivamente para que esta licenciatura tivesse desenvolvido alternativas mais ou menos consistentes, tanto no panorama universitário português, como na formação de profissionais intervenientes no campo educativo. Sem termos a preocupação com a exaustividade, interessava, com efeito, referir que este projecto científico-pedagógico protagonizou um conjunto de desafios inéditos dentre os quais gostaríamos de realçar:

- 1) Aqueles que derivam do facto de ele se inserir privilegiadamente no campo da educação de adultos que, como sabemos, apela para que os sistemas de formação se estruturam mais em torno das suas experiências do que das suas carências, razão pela qual importava atribuir uma importância acrescida ao trabalho pedagógico e desenvolver no interior

de um campo institucional que, como campo universitário, tende a «naturalizar» os modelos de transmissão de saberes;

- 2) Os desafios resultantes do facto de ela ser procurada por um público envolvido em processos de reconversão identitária de contornos indefinidos razão pela qual se tornava imprescindível atribuir, simultaneamente, atenção à qualidade da formação e à sua relevância social, bem como aos dispositivos que, inscritos no processo formativos, contribuísem para a produção de espaços de intervenção capazes de configurar novas modalidades de exercício profissional;
- 3) O facto de a procura da formação se não dirigir exclusivamente para o campo da educação escolar colocou um conjunto de desafios apelando para a estruturação de novos domínios do saber no âmbito das Ciências da Educação numa dinâmica onde este processo de estruturação se articulava com o processo de formação e apelava para o desenvolvimento de novas modalidades de articulação de saberes, resolutamente interdisciplinares e multireferenciados.

Dir-se-ia, portanto, de uma forma sintética que a articulação entre trabalho docente, investigação e prestação de serviços à comunidade não poderia ser encarada como um projecto permanentemente adiado, nem poderia ser protagonizada numa lógica acumulativa, mas constituía um desafio inadiável, a ser vivido no quotidiano, gerador de tensões e exigindo uma permanente reelaboração e recontextualização dos modelos epistemológicos de produção de saberes e dos modelos pedagógicos facilitadores da sua apropriação.

Embora tivesse sido tendencialmente colectivo, não se pode deixar de realçar o papel estruturante que Stephen Stoer desempenhou neste processo. Em primeiro lugar, ele foi responsável para que a desejável heterogeneidade do Grupo de Ciências da Educação não tivesse conduzido à dispersão e à cristalização de territórios disciplinares e disciplinadores. Ele contribuiu, portanto, decisivamente para que a multireferencialidade e o poliglottismo nas Ciências da Educação fossem estruturantes tanto da investigação como das práticas de formação. Mas deve-se-lhe também o impulso dado ao desenvolvimento de um dos traços da «originalidade» da licenciatura em Ciências da Educação na Universidade do Porto resultante da incorporação de novos domínios do saber; deve-se,

com efeito a Stephen R. Stoer o desenvolvimento e a preservação de problemáticas relacionadas com a Etologia, a Educação Ambiental ou as abordagens que tomam por referência o Imaginário Educativo, tudo áreas que não se integravam directamente nos seus interesses científicos. Se tivermos, por outro lado, em conta a sua responsabilidade directa no aprofundamento de problemáticas como a Educação Intermulticultural, a Análise Sociológica das Políticas Educativas, a Globalização Educativa, bem como a Análise das relações entre Educação e Trabalho, compreenderemos melhor como é que Stephen R. Stoer marcou decisivamente os mais importantes conteúdos que integram o currículo da licenciatura em Ciências da Educação. Não se pense, contudo, que esta influência se restringiu à esfera do currículo explicitado. Ele foi também o impulsionador e o responsável pela criação e o desenvolvimento de estruturas de investigação que se articularam metodicamente não só com a licenciatura mas também com as formações pós-graduadas entretanto implementadas. A sua postura cívica e a forma como ele sempre a associou com a investigação e a docência constituíram um exemplo de articulação entre rigor científico, espírito crítico e irrequieto, de espírito sempre envolvido no combate a todas as formas de exclusão social e de combate às injustiças, às desigualdades e aos sofrimentos sociais.

Este é o primeiro número da revista por ele criada, animada e viabilizada que chega às mãos dos leitores após o seu desaparecimento. Mas é também um número integralmente dedicado a um projecto de que ele foi responsável e onde se procurava compreender o papel desempenhado pela licenciatura em Ciências da Educação na produção e desenvolvimento de uma comunidade científica e na promoção de novas figuras profissionalizantes no sistema educativo português.

Stephen Stoer é, portanto, o organizador deste número da revista *Educação, Sociedade & Culturas*.

Este número integra seis artigos produzidos no âmbito de um projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia que incide sobre a restituição das vivências, percursos e produções científicas na licenciatura em Ciências da Educação. A exemplo de números anteriores, integra também uma secção de *Diálogos sobre o vivido*, incidindo sobre a praxe académica, e o *Arquivo* que, neste caso, é constituído pela Conferência de

Abertura do 1º Congresso das Licenciaturas em Ciências da Educação, realizado em 1996 na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo sido publicada em actas em 1998.

No 1º artigo, da autoria de Cristina Rocha e Paulo Nogueira, traça-se a evolução da procura da licenciatura tendo em conta a evolução das políticas educativas e sociais em Portugal. Trata-se assim de um artigo que adopta um campo analítico mais amplo que o seu campo empírico, razão pela qual o seu interesse não deriva apenas de ele procurar restituir as dinâmicas estruturantes da procura de formação neste domínio.

O 2º artigo, da autoria de Alexandra Sá Costa, Orquídea Coelho e Rui Moreira, propõe uma análise aprofundada dos itinerários de inserção dos licenciados em Ciências da Educação, encarando-os como sujeitos activos que, na sequência das transformações dos mercados de trabalho, são estrangidos não só a envolverem-se em trajectórias diversificadas de transição para o trabalho, como são também forçados a produzirem o seu próprio contexto de trabalho. Apoiando-se nas contribuições mais recentes da Sociologia do Trabalho e das Profissões, ele constitui um analisador dos actuais processos de estruturação das trajectórias de inserção no mundo do trabalho, que comportam sempre dinâmicas de reconversão e negociação identitária.

Tendo por título «Começam as aulas, [...] caio de pára-quedas numa coisa completamente diferente»: Aprender a lidar com a estranheza, tornando-se estudante da licenciatura em Ciências da Educação», o artigo de Manuela Ferreira e de Fernanda Moutinho é o resultado de um trabalho intensivo sobre a entrada na licenciatura em Ciências da Educação, sobre a vivência dos jovens oriundos do 12º ano que se encontram envolvidos num processo de transição do ofício do aluno para o ofício de estudante. Ele aborda uma problemática que não é específica da licenciatura em Ciências da Educação embora possa aqui revelar algumas idiossincrasias tendo em conta não só o tipo de relação com o saber que se procura privilegiar no seu projecto pedagógico, mas tendo também em conta o facto de ela incidir sobre domínios do saber que se supõem ser elucidativos dos processos de trabalho que permitem a sua apropriação.

Os dois artigos seguintes analisam a estrutura das narrativas científicas que circulam e, em grande parte, foram produzidas na licenciatura em Ciências da Educação.

O artigo de Amélia Lopes, Rita Coelho, Fátima Pereira, Elisabete Ferreira, Rui Leal e Carlinda Leite analisa as produções científicas consideradas mais relevantes pelos docentes do Grupo das Ciências da Educação com o intuito de caracterizar o *ethos* central desta comunidade científica, tendo em conta as suas vinculações teóricas, as suas posturas epistemológicas, bem como os dispositivos de diferenciação interna.

Esta problemática é retomada no artigo de António Magalhães e de Stephen R. Stoer. Apoiados num dispositivo metodológico diferente, também eles constatam não existir uma narrativa unificada, uma espécie de metanarrativa, fazendo notar que esta diferenciação narrativa não deriva da existência de vários territórios disciplinares, mas, segundo os autores, parece estar antes ancorada na fragmentação da modernidade educativa e dos instrumentos cognitivos a ela associados.

Encontramo-nos assim perante dois textos complementares e particularmente relevantes para a compreensão dos processos de elaboração e reelaboração das narrativas científicas no campo da educação e da própria produção narrativa deste campo.

A versão escrita de uma conferência feita por Patrick Rayou na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, no âmbito de um seminário do projecto, constitui o 6º Artigo. Tendo por referencial a vinculação das Ciências da Educação aos sistemas de formação, o autor traça a evolução da investigação educacional em França, numa abordagem cujo interesse transcende o âmbito do projecto de investigação que constitui o objecto central desta revista.

A rubrica de *Diálogos sobre o vivido* incide também sobre a entrada na licenciatura tendo, agora, por referencial alguns dos protagonistas da praxe. Procura-se construir uma narrativa com base nas «histórias de vida» dos estudantes da licenciatura enquanto «caloiros», «semíputos» e «putos» que serão objecto de comentários produzidos através de «olhares disciplinares» oriundos da Sociologia, Psicologia e Ciências da Educação.

Finalmente, o *Arquivo*, como realçámos anteriormente, é constituído pela versão escrita da conferência de abertura do 1º Congresso das Licenciaturas em Ciências da Educação realizado em 1996. O interesse deste trabalho reside no facto de ele propor uma explicitação da configuração dos espaços de intervenção dos licenciados em Ciências da Educação, tendo por base a articulação

entre o projecto epistemológico e pedagógico da licenciatura e as possibilidades que se pensava poderem abrir-se num contexto onde, o campo político, parecia disposto a propor uma definição de um educativo que o não reduzia ao escolar. Tratava-se, como sabemos, de uma definição ambígua que, apesar de tudo, contrasta com a actual tendência para a pedagogização e escolarização das questões sociais.

José Alberto Correia